



JOÃO XXIII EM PERSPECTIVA FILOSÓFICA:
Reflexões de Hannah Arendt sobre “Um cristão no trono de Pedro”

JOHN XXIII IN PHILOSOPHICAL PERSPECTIVE:
Hannah Arendt's Reflections on “A Christian on the Throne of Peter”

JUAN XXIII EN PERSPECTIVA FILOSÓFICA:
Reflexiones de Hannah Arendt sobre “Un cristiano en el trono de Pedro”

Anderson Costa Pereira *
Carlos Fernando Silva Brito **
Ney de Souza ***

RESUMO

Este artigo busca analisar o retrato que Hannah Arendt (1906-1975) faz da figura de João XXIII, explorando as percepções da filósofa a respeito de Ângelo Giuseppe Roncalli como um autêntico cristão no papado. A filósofa alemã, em seu livro *Homens em tempos sombrios*, no qual considera diversos personagens do século XX, analisou a figura de João XXIII, narrando várias histórias sobre o Romano Pontífice, em um ensaio intitulado *Ângelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de Pedro de 1958 a 1963*. Assim sendo, este artigo procura responder quais lições do perfil de João XXIII, traçado a partir das considerações de Hannah Arendt, permanecem úteis para se pensar a importância histórica e eclesial dessa personagem. O artigo a seguir argumenta em que sentido o Papa João XXIII é considerado pela pensadora alemã como figura de exemplaridade. Por meio dessa análise, o presente texto visa fornecer uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a visão de Arendt em relação a João XXIII como um líder cristão e seu legado no papado.

Palavras-chave: Hannah Arendt. João XXIII. Biografia.

ABSTRACT

*This article seeks to analyze Hannah Arendt (1906-1975) thinking in relation to the figure of John XXIII, exploring the philosopher's perceptions of Angelo Giuseppe Roncalli as an authentic Christian in the papacy. The German philosopher in her book *Men in Dark Times*, in which she considers several characters of the 20th century, analyzed the figure of John XXIII, narrating several stories about the Roman Pontiff, in an essay entitled *Angelo Giuseppe Roncalli: a Christian on the throne of Peter from 1958 to 1963*. Therefore, this article seeks to answer which John XXIII's profile can be traced from Hannah Arendt's considerations. The following article argues in what sense Pope John XXIII is considered by the German thinker as a figure of exemplarity. Through*

* Especialista em Sagradas Escrituras pela Faculdade Claretiana. Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade Unyleya. Mestrado em andamento em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). PUC-SP. Brasil. ORCID: 0000-0001-9557-6026. E-mail: pereira-anderson1@hotmail.com.

** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutorado em andamento em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). UFMG. Brasil. ORCID: 0000-0002-5496-7183. E-mail: carlos21doct@ufmg.br.

*** Doutor e Mestre em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. PUC-SP. Brasil. ORCID: 0000-0001-7866-8041. E-mail: ney.souza@uol.com.br.

this analysis, the article aims to provide a critical and reflective perspective on Arendt's view of John XXIII as a Christian leader and his legacy in the papacy.

Keywords: Hannah Arendt. John XXIII. Biography.

RESUMEN

*Este artículo busca analizar el retrato de Juan XXIII de Hannah Arendt (1906-1975), explorando las percepciones del filósofo sobre Angelo Giuseppe Roncalli como un auténtico cristiano en el papado. La filósofa alemana, en su libro *Hombres en tiempos oscuros*, en el que considera varios personajes del siglo XX, analizó la figura de Juan XXIII, narrando varias historias sobre el Romano Pontífice, en un ensayo titulado *Angelo Giuseppe Roncalli: un cristiano en el trono de Pedro de 1958 a 1963*. Por lo tanto, este artículo busca responder qué lecciones del perfil de Juan XXIII, extraídas de las consideraciones de Hannah Arendt, siguen siendo útiles para pensar la importancia histórica y eclesial de este personaje. El siguiente artículo argumenta en qué sentido el Papa Juan XXIII es considerado por el pensador alemán como una figura de ejemplaridad. A través de este análisis, este texto pretende brindar una perspectiva crítica y reflexiva sobre la visión de Arendt sobre Juan XXIII como líder cristiano y su legado en el papado.*

Palabras clave: Hannah Arendt. Juan XXIII. Biografía.

1 INTRODUÇÃO

No dia 03 de junho de 1963 falecia no Vaticano Ângelo Giuseppe Roncalli, o Papa João XXIII. Cardeal que fora eleito em 1958 chefe da Igreja Católica, escolheu para si o nome de João XXIII e governou a Igreja até 1963, ano de seu falecimento. Popularmente conhecido como o *Papa Bom*, para surpresa de muitos, convocou o Concílio Vaticano II, o mais importante acontecimento eclesial do século XX, que facilitou a aproximação da Igreja Católica com o mundo moderno.

Com este Concílio, realizado de 1962 a 1965, João XXIII exortou todos os bispos do mundo a promover o *aggiornamento* da Igreja aos novos tempos e a transmitir a mensagem de Deus e da Igreja com uma linguagem mais compreensível para todos. Em seu papado, João XXIII promoveu o diálogo ecumênico e inter-religioso, buscando aproximar a Igreja Católica de outras religiões e denominando seu pontificado como um *Concílio da Unidade*.

A filósofa judia e alemã Hannah Arendt (1906-1975) escreveu um breve ensaio sobre o Papa João XXIII em seu livro *Homens em tempos sombrios* (1968). Arendt elogiou o Papa por sua humildade e por sua autenticidade cristã. Impressionada com suas virtudes chega a se perguntar se ninguém tinha consciência de quem ele era. Homem desconhecido ou subestimado?

O certo é que João XXIII surpreendeu a todos. Nesse ensaio, Arendt, entre outras narrativas, recolhe histórias e depoimentos a respeito de Ângelo Roncalli, que permitem traçar um perfil do Pontífice, sob seu ponto de vista. João XXIII é lembrado como um líder

religioso que não se furtava de defender a justiça e o acesso universal aos direitos, o que Arendt tinha em grande estima em seus escritos.

Desse modo, o que pode ser dito a respeito deste Papa sob o ponto de vista de Arendt? Neste artigo, desenvolve-se a temática em dois sucessivos momentos: Primeiramente, descreve-se algumas notas biográficas sobre Ângelo Roncalli, desde seu nascimento até o final de sua vida, visto que a autora em questão se interessa mais em construir um ensaio reflexivo à luz de sua própria filosofia do que traçar uma biografia, *tout court*, do pontífice.

Em seguida, retoma-se o ensaio de Arendt sobre o Papa João XXIII, intitulado *Ângelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de Pedro de 1958 a 1963*¹, traçando um perfil desse Pontífice e elucidando as possíveis contribuições desse trabalho de Arendt para a compreensão da importância histórica, política e eclesial de João XXIII. Ao final, elaboram-se algumas conclusões sobre a temática em questão, que obviamente não pretendem exaurir possibilidades de reflexão a partir dos textos cotejados neste artigo.

Assente no conhecimento obtido nesta pesquisa, procura-se entender a personalidade de um dos personagens mais marcantes do catolicismo do século XX, sob o ponto de vista de uma filósofa não-cristã, e, em alguns momentos, avessa ao modo do Cristianismo entender o mundo. Como contribuição acadêmica, pretende-se, com essa análise, resgatar a figura histórica de João XXIII e, como após sessenta anos de sua morte, o Papa que surpreendeu a todos, pode continuar a surpreender, bem como explicitar um modo privilegiado de Arendt refletir sobre seu próprio tempo, a saber, a busca por homens e mulheres de obras e vidas exemplares.

2 NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE ÂNGELO GIUSEPPE RONCALLI

Ângelo Giuseppe Roncalli nasceu em 25 de novembro de 1881, na cidade de *Sotto il Monte* (Sob o Monte), uma pequena cidade no norte da Itália, na Província de Bérgamo, região da Lombardia (Souza, 2020, p. 359). Foi o quarto dos treze filhos do casal João Battista Roncalli e Marianna Mazzola. Toda sua infância foi vivida em sua cidade natal, “crescendo numa família rural de origens humildes” (L'osservatore Romano, 2014). Mesmo quando Ângelo era jovem, seus pais sabiam que ele não era como seus irmãos. Ângelo não cresceria para ser o fazendeiro que seu pai queria.

O pároco local, padre Francesco Rebuzzini, que o batizou no mesmo dia de seu nascimento, “na querida e modesta igreja de Santa Maria, a igreja de nosso batismo, da

¹ Publicado originalmente no *Journal of a Soul* do *The New York Review of Books*, em 1965.

primeira comunhão e da primeira missa e de todas as belas e queridas devoções aprendidas na infância e na idade tranquila e madura, que nos levaram às alturas do sagrado ministério das almas” (João XXIII, 1963), orientou e educou o jovem Ângelo.

No ano de 1892, aos onze anos, ingressou no Seminário diocesano de Bérghamo, sendo admitido, no ano de 1896, na Ordem Franciscana Secular [então Ordem Terceira], na qual professou as regras em maio de 1897 (Souza, 2020, p. 359). Foi ali que Ângelo iniciou seu *Diário da Alma*, em 1895, escrevendo as primeiras *notas espirituais*. Tendo recebido uma bolsa de estudos de sua Diocese, devido a sua capacidade intelectual, foi enviado para Roma, estudando teologia no Pontifício Seminário Romano e prestando, nesse período, um ano de serviço militar.

Na igreja de Santa Maria do Monte Santo (Roma), recebeu a ordenação sacerdotal, em 10 de agosto de 1904. No ano seguinte, foi nomeado secretário do bispo de Bérghamo, Dom Giacomo Radini Tedeschi. Foi professor de História da Igreja e Patrologia no Seminário da mesma Diocese e assistente da Ação Católica Feminina (Souza, 2020, p. 360).

De 1915 a 1918, o padre Roncalli foi convocado a prestar serviço militar durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Atuou como sargento de saúde e tenente-capelão dos soldados feridos que regressavam do combate, que se afeiçoaram bastante a ele. Em 1919, foi nomeado diretor espiritual do Seminário maior de Bérghamo (*L'osservatore Romano*, 2014).

Uma nova etapa de sua vida iniciou-se no ano de 1921, aos 40 anos, quando foi nomeado pelo Papa Bento XV (1914-1922) para presidir, em Roma, o Conselho central para a Itália da Pontifícia Obra para a Propagação da Fé, os chamados missionários papais, tendo grande afeição para com as missões estrangeiras.

Quando um novo Papa ascende ao trono de Pedro – Papa Pio XI (1922-1939) – o padre Roncalli é promovido ao episcopado em 1925, aos 44 anos, escolhendo como lema *Oboedientia et pax* (*L'osservatore Romano*, 2014) e nomeado Visitador Apostólico na Bulgária, sofrendo muito com a difícil realidade social, política e religiosa daquele lugar.

Em 1934, aos 53 anos, foi transferido para a função de delegado Apostólico na Turquia e na Grécia e, ao mesmo tempo, nomeado Administrador Apostólico para os latinos do Vicariato de Constantinopla (Istambul – Turquia). Sendo delegado papal e tendo boas relações com o corpo diplomático, se destacou no diálogo com as comunidades muçulmanas e ortodoxas (Souza, 2020, p. 361). Assim vivera em um fecundo decênio.

Em 1944, aos 63 anos, o Papa Pio XII (1939-1958) o nomeou como Núncio Apostólico em Paris, exercendo a função por oito anos e tornando-se o principal diplomata do Vaticano.

“É na França que ele tornará lapidar a equação da qual foi um mestre: saber unir mansidão e prudência evangélicas e experimentá-las com audácia histórica, para dar o sabor necessário a esta sua presença única no século XX”, postula Altemeyer (2015, p. 499).

Em 12 de janeiro de 1953, aos 71 anos, quando concluía seu mandato, foi criado Cardeal e, três dias depois, nomeado patriarca de Veneza (L'osservatore Romano, 2014). Em 09 de outubro de 1958 falecia Pio XII, que governou a Igreja por quase vinte anos, liderando-a durante a horrenda Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Encontrar um substituto à altura do grande e hierático Pio XII parecia uma tarefa praticamente impossível.

Depois de onze escrutínios, o Cardeal Roncalli, aos 77 anos, foi eleito Papa, como 261º Bispo de Roma, na tarde do dia 28 de outubro de 1958, “com uma escolha que foi interpretada no sinal da ‘transição’ no final do longo e difícil pontificado do Papa Pacelli” (L'osservatore Romano, 2014). O novo Papa escolheu para si o nome de João XXIII, em referência ao seu pai (Agasso, 2013). Souza (2021) informa:

Sua eleição parecia ser mais uma daquelas de simples transição, o cardeal era idoso, 77 anos. Não havia se destacado nos outros encargos, como núncio na Bulgária e na França, nem em outro campo eclesiástico. Havia uma certa decepção com o nome anunciado depois da eleição. Podia se esperar dele, neste contexto, abertura e compreensão das necessidades do mundo moderno? Até fisicamente diferenciava-se do seu antecessor, pois era de corporalidade volumosa e pequena estatura. Evidente que nestas circunstâncias os boatos começaram a correr. Alguns afirmavam que o conclave o havia escolhido, pois não havia entrado em acordo sobre outro candidato mais qualificado. Teria sido uma Aliança entre cardeais conservadores e progressistas. Tendo em conta sua idade avançada, seu anonimato, tudo levava a pensar que esta era uma ideia aceitável. (Souza, 2021, p. 16-17).

Apenas três meses após sua eleição para a Sé de Pedro, no final da Semana para a Unidade dos Cristãos, em 25 de janeiro de 1959, festa da conversão de São Paulo, João XXIII anunciou aos Cardeais reunidos na Basílica de São Paulo Fora dos Muros a decisão de convocar um Concílio Ecumênico para toda a Igreja, um Sínodo para a Diocese de Roma e também a revisão do Código de Direito Canônico vigente (Alberigo, 2006, p. 22).

Ao Concílio Ecumênico João XXIII deu o nome de Vaticano II, que se realizou de 1962 a 1965. João XXIII conduziu toda a fase preparatória – três anos de preparação – e assistiu apenas a primeira sessão do Concílio, de 11 de outubro a 08 de dezembro de 1962 (Alberigo, 2006, p. 49-66).

O Sínodo Romano foi celebrado de 24 a 31 de janeiro de 1960 na catedral de São João do Latrão, “o primeiro sínodo diocesano de Roma em toda a época moderna!” (Alberigo, 2006, p. 43). As constituições sinodais foram aprovadas por ele em 28 de junho daquele mesmo ano. O trabalho de revisão do Código de Direito Canônico, conforme desejado por

João XXIII, só foi iniciado pelo seu sucessor, Paulo VI, em novembro de 1965, às vésperas do término do Concílio Vaticano II, e promulgado somente em 1983, pelo Papa João Paulo II.

Dentre algumas das viagens apostólicas mais importantes de João XXIII, em 1958 fez sua primeira viagem às cidades de Loreto e Assis, na Itália, para invocar a ajuda da Virgem Maria e de São Francisco para o evento conciliar. “Ele será o primeiro Papa em décadas a sair da ‘prisão Vaticana’ para visitar uma prisão em Roma, e depois realizar a peregrinação até Loreto e Assis, às vésperas do Concílio Ecumênico” (Altemeyer, 2015, p. 499). Assis é a cidade em que nasceu São Francisco, um santo muito querido por ele.

Dentre suas oito Encíclicas, destacam-se duas de grande envergadura. *Mater et Magistra*, sobre o ensino social da Igreja, publicada em 15 de maio de 1961, na comemoração do septuagésimo aniversário da *Rerum Novarum*. Em abril de 1963 publicou a Encíclica *Pacem in Terris*, primeiro documento pontifício dirigido não apenas aos católicos, mas a todas as “pessoas de boa vontade” (Altemeyer, 2015, p. 499).

Nesse texto, João XXIII procurou descrever a situação do mundo contemporâneo e a maneira de estabelecer a paz e a solidariedade entre os povos (Souza, 2020, p. 361). Em cinco consistórios o Papa nomeou 52 novos cardeais, consolidando “a internacionalização do colégio cardinalício” e valorizando “cada vez mais o papel dos episcopados locais” (L'osservatore Romano, 2014).

Após grave enfermidade estomacal, “devido ao aumento do tumor que lhe tinha sido diagnosticado” (L'osservatore Romano, 2014), faleceu, em 3 de junho de 1963, segunda-feira de Pentecostes, após quatro anos, seis meses e seis dias na Cátedra de Pedro. “A morte do Papa, com 81 anos, será sua grande homilia” (Altemeyer, 2015, p. 499). Alberigo (2006) acrescenta que:

O desaparecimento do papa, dia 3 de junho de 1963, no dia de Pentecostes, constituiu um acontecimento espiritual que abalou inesperadamente grande parte da humanidade. Ele tinha inaugurado um tempo novo na Igreja, tinha reproposto os temas essenciais da caridade e da unidade, estreitamente ligados com os da renovação da atitude do espírito, das estruturas eclesiais, mas também da reformulação da doutrina. (Alberigo, 2006, p. 70).

O teólogo Yves Congar registrou em seu diário do Concílio o discurso do Cardeal belga Leon-Joseph Suenens a respeito das canonizações. Congar registra que o Cardeal concluiu sua intervenção sobre o esquema *De Ecclesia* defendendo o pensamento de que João XXIII fosse canonizado por aclamação. Congar achava que tal canonização encontraria um grande eco no mundo (Congar, 2012, p. 561).

Contudo, somente em 05 de julho de 2013, a canonização de João XXIII foi aprovada *pro gratia* pelo Papa Francisco, isto é, autorizada mesmo não tendo o segundo milagre formalmente reconhecido. Na verdade, seu maior milagre – ter convocado o Vaticano II – já havia sido realizado.

Por ocasião da canonização dos Beatos João XXIII e João Paulo II, no dia 27 de abril de 2014, Francisco afirmou que na convocação do Vaticano II, “São João XXIII demonstrou uma delicada docilidade ao Espírito Santo, deixou-se conduzir e foi para a Igreja um pastor, um guia-guiado, guiado pelo Espírito. Este foi o seu grande serviço à Igreja; por isso gosto de pensar nele como o Papa da docilidade ao Espírito Santo” (Francisco, 2014). A memória litúrgica de São João XXIII é celebrada dia 11 de outubro, dia de abertura do Vaticano II.

Em largos traços, em seu *Diário da Alma*, que muito se assemelha às *Confissões* de Santo Agostinho, o próprio Papa João XXIII organizou cronologicamente as fases de sua vida, do seguinte modo: a fase bergamasca (1899-1920); a fase romana (1921-1924); a fase oriental (1925-1944); a fase francesa (1945-1952); a fase veneziana (1953-1958) e, por fim, a fase Vaticana ou pontifical (1958-1963) (Altemeyer, 2015, p. 498).

3 JOÃO XXIII SOB O OLHAR DE HANNAH ARENDT

A vida pública de João XXIII, seus feitos portentosos e sua importância eclesial para a Igreja Católica, são amplamente difundidos e já bem explorados, como demonstrados anteriormente através do recurso aos diferentes relatos biográficos. Em face disto, é legítimo que se pergunte se haveria algo de original na exposição de Arendt sobre esta figura, se o relato da pensadora seria capaz de acrescentar algo a uma biografia já tão exposta. Em nosso modo de ver, a peculiaridade do texto de Arendt consiste em reconhecer a grandeza deste Papa não a partir do seu programa de reformas ou sua carreira eclesiástica, mas da humildade e autenticidade com que o mesmo levava a vida cotidiana. De modo que o relato da pensadora, como mostraremos a partir daqui, não concentrando-se nos feitos relatados na seção anterior, contribui para a percepção da grandeza deste personagem a partir de outro paradigma.

Além da pergunta sobre a originalidade da abordagem de Arendt em relação a João XXIII, podemos também tomar como ponto de partida uma série de questões expressas por Étienne Tassin no prefácio da obra *Amour du monde: christianisme et politique chez Hannah Arendt* (2010), que nos levam a refletir sobre o potencial esclarecedor do pensamento de Hannah Arendt no que diz respeito ao sentido filosófico do Cristianismo:

[...] em que medida o pensamento arendtiano esclarece o sentido, se não religioso, ao menos filosófico do cristianismo? Ou ainda: em que medida nossa compreensão do cristianismo se encontra esclarecida pelo exame do lugar que ele ocupa no pensamento da filósofa? Mais ainda: um leitor cristão, preocupado em interrogar o sentido do cristianismo no mundo de hoje, ao ler Arendt ele encontrará os elementos que renovem a compreensão da experiência cristã e esclareça sua própria fé? Mais, ele encontrará em seus escritos uma inteligência do ou dos cristianismos iguais àquela que está em direito de cuidar das coisas políticas ou da condição humana? (Tassin, 2010, p. 08, tradução nossa).

Em síntese, trata-se de indagar até que ponto a filosofia arendtiana pode lançar luz sobre a compreensão do Cristianismo, que não se limite apenas ao aspecto religioso? Essas e outras indagações nos convidam a examinar a relação entre a filosofia de Arendt e sua crítica ao Cristianismo, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, aprova e enaltece a figura de João XXIII.

Em seu livro *Homens em tempos sombrios*, Arendt está interessada em pessoas específicas, como elas viveram neste mundo e como o contexto histórico as afetou nos *tempos sombrios*. “Seus perfis biográficos deixam ver que, mesmo no tempo mais sombrio, é possível esperar alguma iluminação” (Schittino, 2012, p. 43). É a própria Hannah Arendt que nos fornece a chave hermenêutica que deve ser utilizada na compreensão dos textos que compõem essa obra, uma vez que afirma “que mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres [...] farão brilhar [...]” (Arendt, 2008, p. 9). Assim, o texto deve ser lido a partir da seguinte pergunta: o que há de singular na vida deste personagem para nos fazer reaver a esperança em tempos sombrios?

Obviamente, como a própria autora alerta já no prefácio de sua obra, seu trabalho não era de recontar a História de um tempo a partir de personagens específicos, mas de produzir uma reflexão sobre as figuras por ela selecionadas e que foram capazes de, através de atos e palavras portentosos, legar à posteridade alguma exemplaridade (Arendt, 2008). O caráter exemplar destes personagens não se dá pela fidelidade a uma régua moral estabelecida por Arendt, mas, especificamente, pela capacidade desses personagens de contemporizar com o mundo em que eles se encontram inseridos.

A compreensão do texto de Arendt sobre Roncalli passa pelo entendimento sobre o papel que a autora confere à exemplaridade em seu modo de fazer filosofia. Como bem nota, Igor Nunes (Cf. 2022, p. 149), esta ideia não está circunscrita em apenas uma obra, mas perpassa por todo o *corpus* arendtiano. Ainda segundo este intérprete da pensadora:

Do ponto de vista estrito do pensamento político, por conseguinte: a exemplaridade é o vínculo por meio do qual a própria Arendt, enquanto pensadora que necessita distinguir e relacionar conceitos (Cf. Duarte, 2013), locomove-se para apresentar, julgar e compreender a respeito dos eventos políticos que estuda, à sombra da ruptura dos valores e dos significados tradicionais (Nunes, 2022, p. 151).

O exemplo é, portanto, instrumento para no processo de compreensão de realidades cujos significados não são mais compreensíveis a partir do referencial conceitual tradicional. Esse recurso ao exemplo é uma das lições que Arendt toma de emprestado de Kant. Em *Responsabilidade e julgamento* (2004), ela retoma a máxima kantiana de que os exemplos são o andador do julgamento, ou seja, o fato de que “julgamos e distinguimos o certo do errado por termos presentes em nosso espírito algum incidente e alguma pessoa, ausentes no tempo e no espaço, os quais se tornaram exemplos” (cf. Arendt, 2004, p. 211).

Em face da catástrofe do mundo político do século XX, cuja realidade os esquemas tradicionais de pensamento já conseguem explicar, como Arendt se esforça para demonstrar ao longo de toda a sua obra, “[...] os exemplos funcionam como uma bússola para a mente humana navegar pelo mapa moral, o qual não possui coordenadas com pontos absolutos e definitivos” (Nunes, 2022, p. 153). Neste nosso caso em questão, o tema que subsiste no relato é o da fé autenticamente cristã, da qual João XXIII é para Arendt o melhor exemplo.

Roncalli viveu o Holocausto, a Segunda Guerra Mundial e a crise dos mísseis de Cuba, verdadeiros tempos de escuridão para a humanidade. Sua atuação durante a Segunda Guerra, em especial a ajuda prestada aos judeus, é uma demonstração de sua preocupação com o sofrimento humano e sua determinação em fazer a diferença para aqueles que precisavam de ajuda.

A experiência de Hannah Arendt durante a Segunda Guerra influenciou significativamente seu pensamento e sua visão de mundo. Desde *Origens do totalitarismo* (1951) à sua última e inacabada obra *A vida do espírito* (1977), sua busca por compreender o que significou o fenômeno moderno do totalitarismo, seus efeitos de superfluidade das massas e suas implicações para o cuidado com o mundo foram o alimento do seu pensar filosófico.

Em *Homens em tempos sombrios*, de acordo com Carneiro Júnior, “[...] Arendt revela algumas características do papa e de sua forma de pensar” (Carneiro Júnior, 2007, p. 44). Desde o início de seu pontificado, em 1958, o mundo inteiro – e não apenas os católicos, como aponta Arendt, – foi agradavelmente surpreendido e comovido com os gestos e palavras de João XXIII, e “passou a observá-lo pelas razões que ele mesmo enumerou” (Arendt, 2008, p. 69), como demonstra o trecho a seguir:

Em primeiro lugar, por ter “aceitado com simplicidade a honra e o encargo”, depois de ter sempre tido “o máximo cuidado [...] em evitar qualquer coisa que pudesse atrair a atenção sobre mim”. Em segundo, por ter “sido capaz de [...] efetivar imediatamente certas ideias que eram [...] perfeitamente simples, mas com efeitos de longo alcance e plenas de responsabilidade para o futuro” (Arendt, 2008, p. 69).

O ensaio de Arendt traz como título uma afirmação sátira e provocativa, mas implicitamente o reconhecimento da autenticidade cristã do personagem: “Ângelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963” (Arendt, 2008, p. 67). Assumindo, sem se deixar corromper, o poder da sede petrina, típico do peso das instituições, Roncalli sempre preservou sua fé e seu estilo de vida autenticamente cristão com verdadeira simplicidade.

A esse propósito, Arendt começa por recordar o que ouviu do povo simples de Roma que o conheceu, fazendo eco a uma senhora romana: “Esse papa era um verdadeiro cristão. Como podia ser isso?” (Arendt, 2008, p. 67). Carneiro Júnior (2007) relata que:

A simplicidade de Roncalli ficava ainda mais aparente, segundo Hannah, quando se conhecem as histórias que circulavam em Roma, no fim de seus dias, na agonia da morte, pela população da cidade que o adorava, chamando-o de “papa da bondade”. Ela descreveu várias histórias sobre João XXIII. Uma delas diz que, tendo ouvido um dos encanadores, que faziam reparos na residência papal, praguejar em nome de toda a Sagrada Família, o papa foi até ele e perguntou-lhe com educação: “Precisa falar assim? Não pode dizer merda como todos nós?” Outra, dando conta de sua irreverência frente sua própria Cúria, ao conversar com um jovem padre estrangeiro, que se esforçava por fazer boa figura às autoridades vaticanas, teria o papa dito: “Meu querido filho, pare de se preocupar tanto. Pode ter certeza de que no dia do juízo Jesus não lhe vai perguntar: E como é que te deste com o Santo Ofício?” Quando reclamou do fechamento dos jardins do Vaticano nos momentos em que fazia seu passeio diário e receber a resposta que não ficava bem à sua dignidade expor-se aos olhares das pessoas comuns, teria perguntado: “Por que é que as pessoas não hão de me ver? Eu não me porto mal, pois não?” (Carneiro Júnior, 2007, p. 47).

O ensaio de Arendt para a análise da personalidade de João XXIII tem como fonte o *Diário da Alma*, livro no qual João XXIII escreve uma espécie de autobiografia, mas publicado postumamente em 1965. O livro é uma espécie de diário pessoal, no qual João XXIII registrou suas reflexões sobre sua vida espiritual, suas preocupações pastorais e sua visão sobre a Igreja Católica.

A obra é considerada uma fonte valiosa para se compreender a personalidade e a espiritualidade do Papa João XXIII, que é conhecido por sua simplicidade, humildade e sua preocupação com os menos favorecidos. O livro mostra como ele buscava viver sua fé no cotidiano, e como ela o influenciava em suas decisões e ações como Papa. Esta obra é, segundo Arendt:

[...] um livro estranhamente desapontador e estranhamente fascinante. Em sua maior parte escrito em períodos de recolhimento, consiste em devotas efusões e auto-exortações, “exames de consciência” e anotações de “progresso espiritual” interminavelmente repetitivas, com referências as mais escassas possíveis aos acontecimentos reais, de modo que, por páginas e páginas, lê-se como um livro didático elementar sobre como fazer o bem e evitar o mal. (Arendt, 2008, p. 67).

A pensadora alemã afirma que diante da diplomacia de outros papas, relutantes em seguir a radicalidade do Evangelho, Ângelo Giuseppe Roncalli nunca se preocupou em ser *tomado por louco* por seu apaixonado seguimento de Jesus Cristo. Desde os dezoito anos, decidiu dedicar-se à *imitatio Christi*, aceitando a zombaria e o desprezo de quem não compreendia o seu caminho (Arendt, 2008, p. 68).

Sobre esse aspecto, faz-se mister retomar uma distinção que a pensadora faz entre *imitatio Dei* e *imitatio Christi*. Afirma Arendt que a “*Imitatio Christi* é o oposto de *imitatio Dei*. Esta última é realmente soberba, porque o Deus Uno está acima de tudo. A ‘*superbia*’ é, portanto, apenas a forma cristã de ‘*hybris*’” (Arendt, 2005, Cahier XXIV, n. 72, p. 844).

Essa distinção aparentemente simples revela muito da leitura que Arendt faz sobre a própria figura de Jesus de Nazaré, tantas vezes mencionado ao longo de sua obra. Em *A condição humana*, por exemplo, ela afirma que “o descobridor do papel do perdão no domínio dos assuntos humanos foi Jesus de Nazaré” (Arendt, 2016, p. 295), e para fundamentar a afirmação ela interpreta a passagem do Evangelho de Lucas 5, 21-42. Nessa passagem se afirma que “o filho do Homem tem sobre a Terra o poder de perdoar os pecados”, e é interceptada por Arendt como se Jesus dissesse que a faculdade do perdão não era um dom de Deus aos homens, mas uma realidade que se dá exclusivamente “sobre a Terra”, ou seja, “[...] o poder de perdoar é um poder fundamentalmente humano” (Arendt, 2016a, p. 297).

Essa leitura de Arendt que foca no humano de Jesus e não em sua divindade, é certamente um dos traços dos anos de 1924-25 em que ela frequentou em Marburg os cursos do teólogo protestante Rudolf Bultmann (Cf. YOUNG-BRUEHL, 1997, p. 61), o exegeta da demitologização². Com isso, o que queremos, é acentuar que ao destacar que a regra de vida de João XXIII consistia na *imitatio Christi* Arendt pretende, ao contrário do que parece, reforçar o caráter humano da fé do *papa bom*. Em outras palavras, ela quer chamar atenção para o fato de que por se sentir próximo a Cristo, João XXIII podia agir com humana

² Termo cunhado pelo teólogo Rudolf Bultmann que enquadrava como mito as passagens bíblicas de cunho sobrenatural ou milagreiro. Assim, as passagens bíblicas miraculosas devem ser centradas em sua essência ou nas lições que o episódio transmite e não no caráter sobrenatural do fato em si. Os milagres ou outros fatos sobrenaturais são apenas um artifício literário simbólico por meio do qual a Revelação torna-se compreensível.

simplicidade.

Em seu *Journal de pensée*, ela compreende a opção por imitar a Cristo como sendo a opção mais humilde, pois é a escolha por imitar o Deus em meios aos homens e não acima deles. Daí nasce a expressão simplicidade da fé, para referir-se a Roncalli. “A imitação de Cristo não está então próxima da desmedida e do orgulho, mas próxima da humildade e da simplicidade”, afirma Albanel (2010, p. 136, tradução nossa). É essa então a simplicidade da fé. Arendt avalia que, desde a Contrarreforma, a Igreja Católica se preocupou mais “em manter crenças dogmáticas do que com a simplicidade da fé, não abria a carreira eclesiástica para homens que tivessem assumido literalmente o convite ‘Siga-me’” (Arendt, 2008, p. 68), como São João da Cruz, tão admirado por João XXIII, que só queria “sofrer e ser desprezado por Cristo e com Cristo” (Arendt, 2008, p. 68).

Ninguém imaginava que Roncalli fosse seguir nessa direção. Demitido dos *papabile*, os alfaiates nem mesmo prepararam roupas em seu tamanho. Incapazes de chegar a um acordo, os Cardeais optaram por “um papa provisório e transitório” (Arendt, 2008, p. 67), uma figura irrelevante que não introduziria grandes mudanças ou novidades. Suas avaliações estavam totalmente erradas.

Hannah Arendt afirma que a hierarquia eclesiástica às vezes raciocina como o Grande Inquisidor de Dostoiévski, mesmo sabendo que “o sermão de Deus vem para mudar e restaurar toda a terra que alcançar” (Arendt, 2008, p. 69). Como aponta sobre João XXIII, Roncalli era manso e humilde, mas não era fraco e complacente. “Era precisamente isso que iriam descobrir, que a humildade perante Deus e a docilidade perante os homens não são o mesmo [...]”, postula Arendt (2008, p. 69).

Nesse sentido, afirma Albanel: “Esse trecho pode ser relacionado ao comentário que ela faz em seu Diário de Pensamentos sobre a virtude da obediência, onde ela retoma especialmente a distinção entre superbia e humilitas, esta última definida por São Tomás como a submissão do homem a Deus, mas nunca aos homens” (Albanel, 2010, p. 140, tradução nossa).

A comentadora faz referência ao número 56 do caderno XXI, de julho de 1955, no qual Arendt registra uma reflexão intitulada por ela como *Religião e Política* (cf. Arendt, 2005, p. 734-735). No trecho em questão a autora busca rastrear como a virtude da obediência para a doutrina católica não deve ser associada à submissão aos homens.

Arendt recorda que João XXIII iniciou seu pontificado com gestos de simplicidade e humildade, mas logo pensou em convocar um Concílio Ecumênico, um Sínodo diocesano e revisar o Código de Direito Canônico. Quando questionado sobre como ele havia tomado

essa iniciativa, ele respondeu de forma desconcertante: “sem nenhuma premeditação” (Arendt, 2008, p. 69). Roncalli era um eclesiástico de formação tradicional, mas convicto da necessidade de proceder determinadas reformas na Igreja.

Arendt admira a fé sincera e simples de Roncalli: “a sinceridade dessa fé, nunca perturbada pela dúvida, nunca abalada pela experiência, nunca distorcida pelo fanatismo” (Arendt, 2008, p. 76). Austero e pobre, nunca vestiu um paramento que não tivesse sido doado por caridade: “Pois, nascido pobre, [...] sinto-me particularmente feliz por morrer pobre, tendo distribuído [...] tudo o que chegou às minhas mãos – e foi muito pouco – durante os anos de sacerdócio e episcopado. [...] Sou da mesma família de Cristo, o que mais posso querer?” (Arendt, 2008, p. 77).

A pobreza – material e espiritual – de João XXIII é enaltecida pela pensadora alemã como grande virtude do *Papa Bom* (Arendt, 2008, p. 78). Nas palavras de Arendt (2008), João XXIII:

Sempre se contentou de “viver dia a dia”, mesmo “hora a hora”, como os lírios no campo, e agora estabelecia a “regra básica de conduta” para seu novo estado — “não ter nenhuma preocupação com o futuro”, nem tomar nenhuma “providência humana em relação a ele” e tomar cuidado “em não falar confiada e casualmente dele a ninguém”. Foi a fé, e não a teoria, teológica ou política, que o protegeu contra “qualquer convivência com o mal, na esperança de, com isso, poder ser útil a alguém” [...] o que o tornava livre era o poder dizer sem nenhuma reserva mental ou emocional: “Seja feita a vossa vontade” (Arendt, 2008, p. 75).

Arendt identifica em João XXIII um homem profundamente livre. Uma autêntica fé cristã, livre e desinteressada. Aqui reside mais uma sutileza do relato, a saber, a coabitação numa mesma figura da liberdade e da fé cristã, tidas como inconciliáveis para Arendt. Diz ela em *A dignidade da política* que “a liberdade que o cristianismo trouxe ao mundo significava estar livre da política, uma liberdade de estar e permanecer fora do domínio da sociedade secular como um todo [...]” (Arendt, 1993, p. 59-60). Ao que parece, em João XXIII ela descobre um elemento positivo na ideia cristã de liberdade.

Em *Que é liberdade de Entre o passado e o futuro*, Arendt se esforça por demonstrar que a liberdade não pode ser confundida com o livre arbítrio ou com um fenômeno da vontade. Que na verdade “a *raison d’être* da política é a liberdade, e seu domínio de experiência é a ação” (Arendt, 2022, p. 225), e, portanto, a exigência cristã de libertar-se da política para ser livre nada mais era do que uma contradição. Assim, cabe perguntar-nos como pode João XXIII ser autenticamente cristão e ao mesmo tempo profundamente livre?

A resposta para essa questão não nos é dada no texto sobre Roncalli, e o máximo que podemos extrair são vagas pisas. Como o momento em que Arendt diz que “essa completa

liberdade em relação a preocupações e aborrecimentos era sua forma de humildade; o que o tornava livre era o poder dizer sem nenhuma reserva mental ou emocional: ‘Seja feita a vossa vontade’” (Arendt, 2008, p. 75). Ou ainda, quando diz que João XXIII “[...] nem por um momento renunciou aos seus juízos, ao obedecer aquilo que para ele não era a vontade de seus superiores, mas a vontade de Deus” (Arendt, 2008, p. 79).

Essas passagens nos levam a crer que a liberdade que João XXIII é expressão para Arendt é do mesmo tipo da liberdade do pensar e do querer que serão desenvolvidos somente na última fase de sua vida, e em sua obra inacabada *A vida do espírito* (1977). Uma vez que não é nosso objetivo nos determos nesse tema da liberdade nas atividades da vida do espírito³, cabe apenas consignar que essa liberdade do pensar se manifesta na sua capacidade de por à prova as seguranças e certezas das respostas prontas, fazendo do sujeito do pensar um empecilho para toda e qualquer forma de dominação. Sem dúvida a vida de João XXIII corrobora a visão de Arendt de que ele pode ser considerado alguém que agia com liberdade diante dos protocolos e das tentativas políticas de dominação do seu modo de ser cristão e posteriormente papa.

Ela ainda nota que Roncalli sempre sentiu preferência pelos humildes e menos favorecidos. Ele tinha o desconcertante hábito de falar com todas as pessoas e frequentemente falava com os jardineiros e trabalhadores do Vaticano, *pescadores* e as freiras em sua cozinha.

Durante uma conversa informal, um funcionário do Vaticano disse a ele que suas condições de trabalho não eram boas e o salário não era justo. Desgostoso, Roncalli decidiu aumentar os salários de todos os trabalhadores. Um bispo o advertiu de que isso significaria cortar o dinheiro para caridade. O Papa respondeu com uma máxima moral: “A justiça vem antes da caridade” (Arendt, 2008, p. 76).

Roncalli se revelou, portanto, como um homem justo. Quando visitou a prisão de Roma, foi aconselhado a não entrar na ala dos reclusos incorrigíveis, sujeitos a um regime especial. “Abram os portões – disse João XXIII – Não os afastem de mim. São todos filhos de Nosso Senhor” (Arendt, 2008, p. 76). Aqui, o Pontífice se mostra acolhedor e irmão de todos.

No final das contas, nesse retrato de Angelo Giuseppe Roncalli, a admiração sentida pela autora prevalece sobre a reprovação [ao Cristianismo]; e isso não porque ele tenha sido papa ou porque tenha sido um verdadeiro cristão, mas apenas porque o homem – que foi ao

³ Para aprofundar sobre isso, conferir: PASSOS, Fábio Abreu dos. A liberdade em “três atos” na filosofia de Hannah Arendt. **Dissertatio**. v. 54, Pelotas: 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/19771>.

mesmo tempo papa e verdadeiro cristão – também foi um homem político que assumiu seu poder de falar e agir junto a outros homens. (Albanel, 2010, p. 141, tradução nossa, acréscimo nosso).

Por fim, sublinha-se a afirmação arendtiana de que todas essas histórias sobre o *Papa Bom*:

[...] mostram a total independência que provém de um **verdadeiro desapego às coisas deste mundo**, a magnífica liberdade de preconceitos e convenções que muito frequentemente poderia resultar num senso quase voltairiano, a rapidez espantosa em virar a mesa (Arendt, 2008, p. 73, grifo nosso).

Isto é, uma fé concretamente vivida. E “essa completa liberdade em relação a preocupações e aborrecimentos era sua forma de humildade”, conclui Arendt (2008, p. 75). A esse respeito, comenta Albanel (2010):

O desapego das coisas do mundo, que é observado na atitude do papa, não significa, no entanto, desinteresse em relação ao mundo. O que ganha o respeito de Arendt é esse desapego preocupado com o mundo: pois somente ele permite um julgamento perfeitamente livre e pessoal, somente ele libera o poder de agir e falar. (Albanel, 2010, p. 140, tradução nossa).

Interessante como Arendt baliza essa relação de João XXIII com o mundo. João XXIII, ao convocar o Concílio Vaticano II, buscou mudar decisivamente a atitude da Igreja frente ao mundo, como não mais de condenação, mas uma atitude de diálogo. Assim, seu pontificado torna-se herdeiro de uma tendência já em construção no âmbito da Igreja e do próprio catolicismo, assim como cria condições de possibilidade, graças à convocação do Concílio II e às demais reformas encetadas, para transformações que só viriam posteriormente à sua época, vividas entre o entusiasmo e o desapontamento. A Igreja, para João XXIII, estando no mundo não existe para si mesma, senão para o mundo, a fim de transformar esse mundo em Reino de Deus. A Igreja está a serviço das realidades que a transcendem.

Nesse sentido, o mundo se transforma em espaço de historicização do Reino e realização da Igreja. Na pessoa do Papa, a filósofa alemã reconhece a fé de um *verdadeiro cristão* (Arendt, 2008, p. 67), a *enorme força dessa fé* (Arendt, 2008, p. 70), que combina a interioridade da confiança em Deus com a preocupação pelo mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É paradoxal o fato de que no decorrer do seu pensamento, Arendt critica abundantemente o Cristianismo (cf. Arendt, 2016b, p. 96s), enquanto João XXIII torna-se uma figura digna de sua admiração. Dizendo de outro modo, é preciso questionar-se: “Como interpretar, então, esse paradoxo entre a natureza antipolítica [da fé cristã] estigmatizada por Arendt e a admiração não dissimulada que ela sente por João XXIII?” (Albanel, 2010, p. 140, tradução nossa, acréscimo nosso).

O olhar crítico de Arendt em relação ao Cristianismo, contrastado com o retrato do “Papa Bom”, lança luz sobre um resgate dos fundamentos da experiência de fé. Concordamos com Véronique Albanel quando diz que do relato de Arendt surge uma inteligência renovada não sobre doutrina cristã, mas sobre a experiência de amor que está na base da fé cristã concretizada por João XXIII. É essa radicalidade amorosa que deixa de ter significado apenas pessoal e passa ao âmbito político como uma expressão exemplar capaz de esperar em tempos sombrios.

O conceito arendtiano de exemplaridade é fundamental para entender o porquê de Hannah Arendt ter escolhido um católico, mesmo sendo uma não católica. Arendt escreve tais narrativas biográficas como práticas do que ela afirma como típico do autêntico pensar, que é a exemplaridade, isto é, pensar por exemplos, por figuras-tipo, por estórias e as narrativas que lhes implicam.

Os personagens não foram escolhidos em vão, mas em face do que ela compreende como essencial para o mundo em tempos. Nesse caso, João XXIII é visto por Arendt como essencial e exemplo de um determinado tipo de Cristianismo. Ao longo da exposição ela percorre várias características exemplares desse personagem: simplicidade da fé, portador de elementos anárquicos do modo de vida autenticamente cristão, humildade perante Deus, independência de pensamento, desapego às coisas materiais, liberdade de preconceitos e convenções, despreensão em relação ao futuro e jamais renunciar a seus próprios juízos.

Assim sendo, ao mesmo em que o seu relato revela a grandeza da vida de um homem através das pequenas coisas, sendo essa uma originalidade do texto de Arendt se comparado com outras biografias, ele também diz muito sobre o próprio modo de Arendt fazer filosofia. Em João XXIII encontramos pistas, mesmo que escassas e ainda incertas, do que Arendt entende serem as atividades da vida espiritual, especialmente o pensar e o julgar, bem como da importância que ela atribui ao recurso metodológico da exemplaridade.

Se em sua obra encontramos outros textos em que ela critica abertamente os cristãos,

inclusive intelectuais cristãos⁴. Neste texto que exploramos, encontramos uma Arendt que viu em João XXIII um líder que ao mesmo tempo em que estava lutando por mudanças positivas em um momento em que muitas pessoas estavam se sentindo desesperadas e desesperançadas diante dos desafios mundiais, lutava para manter-se fiel a seus próprios juízos que para ele eram *a vontade de Deus*. Como afirma Arendt (2008, p. 73), “ainda há muito a se encontrar na literatura a seu respeito, embora algumas estejam estranhamente alteradas”.

REFERÊNCIAS

- AGASSO, Domenico. **Papa João XXIII**. São Paulo: Paulus, 2013.
- ALBANEL, Véronique. **Amour du monde**: christianisme et politique chez Hannah Arendt. Paris: CERF, 2010, p. 05-11.
- ALBERIGO, Giuseppe. **Breve história do Concílio Vaticano II**. Aparecida, SP: Ed. Santuário, 2006.
- ALTEMEYER JÚNIOR, Fernando. João XXIII. In: SANCHEZ, Wagner Lopes; PASSOS, João Décio (Org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus+: Paulinas, 2015. p. 498-501.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 13 ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a.
- ARENDDT, Hannah. **A promessa da política**. Trad. Pedro Jorgensen Jr. 6. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2016b.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro Barbosa. 9. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- ARENDDT, Hannah. Ângelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de Pedro de 1958 a 1963. In: ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 67-79.
- ARENDDT, Hannah. **Journal de pensée (1950-1973)**. Ed. Ursula Ludz; Trad. Silvie Courtine-Denamy. Paris: Ed. du Seuil, 2005. 2 v.
- ARENDDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. Ed. Jerome Kohn, Trad. Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARENDDT, Hannah. **A dignidade da política**. Org. Antônio Abranches. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

⁴ Cf. *Religião e Política* (1953) e/ou a conferência “O interesse pela política no recente pensamento filosófico europeu” (1954), ambos os textos estão disponíveis na coletânea *A Dignidade da política* (1993).

CARNEIRO JÚNIOR, Renato Augusto. O amor na política: um diálogo entre Hannah Arendt e Santo Agostinho. **História**: questões e debates, Curitiba, v. 46, n. 1, p. 31-50, 2007.

CONGAR, Yves. **My journal of the Council**. Adelaide: ATF Press, 2012.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013-: Francisco). **Homilia do Papa Francisco**: Santa Missa e canonização dos Beatos João XXIII e João Paulo II. Roma, 27 abr. 2014. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140427_omelia-canonizzazioni.html. Acesso em: 27 abr. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1958-1963: João XXIII). **Alocución del Papa Juan XXIII en la bendición de la primera piedra del «Colegio Juan XXIII» del Instituto de Misiones Extranjeras**. Roma, 18 mar. 1963. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/speeches/1963/documents/hf_j-xxiii_spe_19630318_nuovo-collegio.html. Acesso em: 27 abr. 2023.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1958-1963: João XXIII). **Perfil biográfico de João XXIII (1881-1963)**. Roma, 03 maio 2014. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/biography/documents/hf_j-xxiii_bio_20190722_biografia.html. Acesso em: 27 abr. 2023.

NUNES, Igor V. B. Exemplaridade Ética e Política. In: CORREIA, Adriano [et. al] (Org.). **Dicionário Hannah Arendt**. 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 2022, pp. 149-158.

SCHITTINO, Renata Torres. A escrita da história e os ensaios biográficos em Hannah Arendt. **História da Historiografia**, Mariana, MG, v. 5, n. 9, p. 38-56, ago. 2012.

SOUZA, Ney de. **História da Igreja**: notas introdutórias. Petrópolis: Vozes, 2020.

SOUZA, Ney de. Vaticano II. Antecedentes, evento e documentos. In: SOUZA, Ney de (Org.). **Breve história do Vaticano II**. São Paulo: Recriar, 2021. p. 9-30.

TASSIN, Étienne. Préface. In: ALBANEL, Véronique. **Amour du monde**: christianisme et politique chez Hannah Arendt. Paris: CERF, 2010, p. 05-11.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. **Por amor ao mundo**: a vida e obra de Hannah Arendt. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

Recebido em: 08-06-2023
Aprovado em: 17-07-2023